

# ***Vestígios anormais em tempos pós-modernos***

**Anderson Rodrigues Corrêa**

Mestrando em Educação

arocorrea@terra.com.br

Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS

## **Resumo**

O que significa pensar a anormalidade nos tempos atuais; tempos estes denominados, por alguns autores, de pós-modernos? Tempos de uma condição pós-moderna, condição esta tida como efêmera, tempo no qual se perde a noção de evolução – noção típica da modernidade. Nesta forma de pensar o mundo, será fácil definir padrões e regras do que é ser normal em contrapartida com o que é ser anormal? Na contemporaneidade, é complexo pensarmos sobre a anormalidade, pois, anormalidade deve estar relacionada a algo muito mais complexo e dinâmico do que simplesmente a dualidade normalidade x anormalidade. Existem muitas nuances entre esta questão binária, várias interpelações: históricas, políticas, econômicas, sociais e principalmente culturais. Acredito que o exercício de pensarmos sobre as diferenças, os diferentes e propriamente os referenciados como anormais, possibilitará questionarmos muitas verdades estabelecidas e tidas como norma, como padrão de normalidade. Esta reflexão permitirá a problematização de muitas questões, ou mesmo realizar outras perguntas, de suma importância para a elaboração de um novo olhar sobre a realidade, um olhar mais arejado, menos comprometido com tabus, preconceitos e verdades pré-estabelecidas.

**Palavras-chave:** Anormais // diferenças // pós-modernidade

A análise crítica do mundo no qual vivemos constituiu cada vez mais a grande tarefa filosófica. Sem dúvida, o objetivo principal hoje não é o de descobrirmos, mas de recusarmos o que nós somos. É preciso imaginar e construir o que poderemos ser para nos desembaraçarmos desta espécie de 'dupla coação' política, que é a individualização e a totalização simultâneas das estruturas do poder moderno. Poder-se-ia dizer, [...] que o problema ao mesmo tempo político, ético, social e filosófico que se nos põe hoje não consiste em procurar libertar o indivíduo do Estado e de suas instituições, mas em nos libertarmos nós do Estado e do tipo de individualização que disso depende. Importa promovermos novas formas de subjetividade, recusando o tipo de

individualidade que nos foi imposto por vários séculos. Michel Foucault

O que significa pensar a anormalidade nos tempos atuais; tempos estes denominados, por alguns autores, de pós-modernos? Tempos de uma condição pós-moderna, condição esta tida como efêmera – condição que não pretende ser eterna, tempo no qual se perde a noção de evolução, pensamento extremamente apropriado para a modernidade? Na condição pós-moderna, a obsessão pelo novo é constante e muito valorizada, a vida não é um grande problema que deverá ser solucionado, a vida deve ser conjecturada como um somatório de experiências em série. Nesta forma de pensar o mundo, será fácil definir padrões e regras do que é ser normal em contrapartida com o que é ser anormal?

Mas por que pensar sobre isso justamente quando os valores, a moral, e as próprias identidades estão em constante construção/desconstrução? Qual a necessidade de revermos comportamentos, atitudes, formas de agir diante do mundo, diante de nós mesmos? Olhares não retos, nunca sintéticos, tampouco imediatos; porém, olhares sinuosos, analíticos, mediados, lentos, densos. Olhares para o que somos, considerando que a nossa própria identidade é formada e transformada sistematicamente com as relações que representamos e que somos interpelados. Cabe, agora, considerarmos a visão de que possuímos múltiplas identidades, até mesmo contraditórias, multidirecionáveis, que estão em constante deslocamento. Identidades pensadas num contexto relacional, dinamicamente constituídas pela diferença, que lhe é exterior. Identidades que são definidas historicamente e não biologicamente, implicando, desta forma, pensarmos que somos sujeitos que assumimos diferentes identidades em momentos diversos, nos mais distintos locais. Essas próprias identidades são cambiantes, mutáveis, fluidas; desta forma, o conceito de possuímos uma identidade unificada do nascimento à morte, uma identidade fixa, segura, eterna, racional, universal, completa, segura, coerente é impossível de ser concebida em tempos pós-modernos, conforme argumenta Stuart Hall:

Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (Hall, 2003, p.10-14).<sup>1</sup>

O que percebo, é que a identidade está sempre em movimento, numa constante construção, relacionando passado, presente, futuro, uma identidade histórica, fragmentada, com muitos pertencimentos, uma identidade não determinada em um único e restrito espaço. Desta forma, uma possibilidade de olhar para a identidade, implica a percepção de movimento, fluidez, muitos pertencimentos, hibridez, vivenciando um incomensurável conjunto de posições de identidade, em toda sua especificidade própria, em sua própria constituição histórica. Na pós-modernidade a identidade torna-se uma celebração móvel, não há, pois,

---

<sup>1</sup> Hall define e diferencia três concepções de identidade: do sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

identidades fixas, essenciais, permanentes como quer o pensamento moderno, como bem definiu Stuart Hall:

[...] a identidade cultural não está fixa, é sempre híbrida. Ma é precisamente porque surge de formações históricas muito específicas, de histórias, de repertórios culturais de enunciação, que pode construir-se em um posicionamento que nós chamamos, provisoriamente, identidade. (Hall, 1996, p.502).

Nesse panorama, cabe destacar a concepção de globalização, esse novo dinamismo, um multiculturalismo polissêmico, polêmico; um mundo onde a desordem, a descontinuidade, o pluralismo de idéias invadem e causam certo entorpecimento nos antigos ideais e concepções. Este mundo apresenta-se completamente caótico, repleto de novos tons, novas nuances, ocorrências impossíveis de serem ignoradas e bastante compatíveis com os aspectos mais significativos da pós-modernidade. O que podemos presenciar é um mundo onde a cultura elevada está sendo substituída por um cotidiano banalizado, onde a arte contrapõe-se a antiarte, a estetização vivencia uma desestetização, o próprio hermetismo é reelaborado em conteúdos de fácil compreensão, a crítica cultural - antigamente tão aclamada - vê-se substituída por comentários cômicos e sociais - muitas vezes jocosos, onde a obra e a originalidade estão sendo reinterpretadas como um processo, como um pastiche. Minha intenção neste momento, não é colocar estas situações no âmbito do certo ou do errado, meu intento é de problematizar todas estas alterações que percebo.

Nesse mundo pós-moderno, o sentimento unívoco, bem definido e as próprias atitudes lineares são questionados constantemente. Na pós-modernidade, observa-se a desconstrução de pares dicotômicos como feminino/masculino, natureza/cultura, etc. Lemert (2000) esclarece bem esta nova maneira de conceber o mundo:

[...] a maioria das teorias pós-modernas afirma que o mundo outrora linear e bem-definido cedeu lugar a um caracterizável por epítetos como fragmentado, descentrado, jocosos, irônico, indeterminado. Se o mundo moderno era alegadamente bem-organizado nos termos de uma história linear que gerava sentidos unívocos, o mundo pós-moderno é considerado parcamente organizado na ausência de um futuro histórico nítido e previsível sem o qual há, na melhor das hipóteses, sentidos incertos, jocosos ou irônicos. (p.58).

Tantas e novas oportunidades, uma ressignificação na dimensão de tempo e espaço - o próprio relógio digital, reconfigurou a noção de tempo ["estou em cima da hora"] o que interessa é o momento presente, o instante, o agora, o imediato. Constata-se o aparecimento de novos aparatos tecnológicos, surpreendentes poderes de penetração, tudo pode ser transformado em mercadoria - desde a natureza a coisas que estão expressas apenas no nosso subconsciente, somos subjetivados todo momento nessa era da fruição, era do gozo, do novo, do fascínio, do acontecimento, da efemeridade, do momento, da intensidade - não importa mais o tempo de duração, o que interessa é a intensidade vivenciada. A lógica é mercadológica, é a era da popularização, do comercializável. Um mundo multifacetado, com novos experimentos relacionados à liberdade, um sentimento ambíguo entre o pertencimento e o desenraizamento, uma nova forma de nos constituirmos

e de sermos constituídos como humanos, de banco 24 horas, de Internet conectando as mais distantes partes do mundo, do festival de comida no *fast-food*, de globalização, do *shopping center*, uma arena plural. Cultuamos e somos cultuados, exaltamos e somos exaltados, vivenciamos constantemente um *happening* para qualquer situação. São inexoráveis o sentimento e a percepção de que a nossa condição social e humana, seja ela individual e/ou coletiva, influencia diretamente o todo e que a idéia contrária também é verdadeira. Vattimo (1992) corrobora essa minha argumentação alertando-nos que:

[...] o ser não coincide necessariamente com o que é estável, fixo, permanente, mas tem a ver com o acontecimento, o consenso, o diálogo, a interpretação, esforçam-se por nos tornarem capazes de captar esta experiência de oscilação do mundo pós-moderno como chance de um novo modo de sermos (talvez finalmente) humanos (p.18-19).

O texto, os discursos e as práticas discursivas<sup>2</sup> e não discursivas<sup>3</sup> nos subjetivam – são abertos, soltos, consumíveis, aceitos. Nesse sentido é importante lembrarmos da textualidade, da própria *virada lingüística*, pois a partir dela consideramos a linguagem não apenas como servindo ao relato de “fatos”, mas como atuante na construção desses próprios “fatos”, na medida em que a linguagem constitui a próprias coisas, produzindo, desta forma, significados para as coisas, além de permitir que possam ser permutadas entre os sujeitos. Devemos levar em consideração que a própria linguagem opera através de nós, do nosso próprio jeito de viver, de conceber o mundo, de um discurso que institui práticas e constitui sujeitos. É imprescindível termos consciência de como somos influenciados por poderosas teias discursivas que filtram o que deve ser dito, o que deve ser ocultado; sendo que nós próprios, como sujeitos, estamos inscritos nessa trama e conseqüentemente atrelados a seus efeitos, efeitos estes que agem diretamente sobre a forma que convivemos nesse mundo. Costa (2000) soma as idéias, aqui expostas, com o seguinte argumento:

A linguagem, as narrativas, os textos, os discursos não apenas descrevem ou falam sobre as coisas, ao fazer isso eles instituem as coisas, inventando sua identidade. O que temos denominado “realidade” é o resultado desse processo no qual a linguagem<sup>4</sup> tem um papel constitutivo. Isto não quer dizer que não existe um mundo fora da linguagem, mas sim, que o acesso a este mundo se dá pela significação que é mediada pela linguagem (Costa, 2000).

Partindo dessa concepção de mundo, de sujeito, de práticas sociais, de produções de identidades, apontando para as perspectivas pós-estruturalistas<sup>5</sup>, intento articular alguns sinais que nos desafiam a diferentes interpretações e problematizações sobre a anormalidade.

---

<sup>2</sup> Foucault denomina “prática discursiva” ao conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa (1995, p. 136).

<sup>3</sup> As formações não-discursivas correspondem aos elementos visíveis (Veiga-Neto, 1995, p. 6).

<sup>4</sup> Entende-se, aqui, linguagem, não apenas como forma de comunicação oral, ou como texto letrado. Linguagem diz respeito a toda forma de expressão, de manifestação que atribui sentido e, assim, inventa, cria algo.

<sup>5</sup> Sucintamente, o pós-estruturalismo pode ser caracterizado como um conjunto de desenvolvimentos teóricos vinculados a um novo entendimento sobre o papel e a natureza da linguagem, que passa a ser

Com a intenção de (re) pensarmos a constituição do que é ser anormal nesse amplo e complexo mundo pós-moderno, mundo este em que a anormalidade poderia ser concebida de forma plural, mutável e de diversas ordens no tempo e no espaço. Foucault (2002) sinaliza para uma ótica extremamente instigante a questão dos anormais:

A grande família indefinida e confusa dos "anormais", que amedrontará o fim do século XIX, não assinala apenas uma fase de incerteza ou um episódio um tanto infeliz na história da psicopatologia; ela foi formada em correlação com todo um conjunto de instituições de controle, toda uma série de mecanismos de vigilância e de distribuição; e, quando tiver sido quase inteiramente coberta pela categoria da "degeneração", dará lugar a elaborações teóricas ridículas, mas com efeitos duradouramente reais (p.413).

Na atualidade, é bastante complexa a tarefa de pensarmos a questão da anormalidade, pois, no meu entender, anormalidade deve estar relacionada a algo muito mais complexo e dinâmico do que simplesmente a dualidade *NORMALIDADE X ANORMALIDADE*. Existem muitas nuances entre esta questão binária, várias interpelações: históricas, políticas, econômicas, sociais e principalmente culturais. Devemos sempre atentar para questões que passam na tangente de interesses tão difusos, às vezes inocentemente tão distantes, nada relacionáveis. A própria questão cultural da anormalidade sempre teve uma conotação bastante ímpar, pois, no campo da cultura, encontramos lutas bastante fortes de questões que indiretamente estão relacionadas à cultura. Afinal a cultura é um "terreno real, sólido, das práticas, representações, línguas e costumes de qualquer sociedade histórica específica" (Hall, 1986, *In*: Nelson *et al.*, 1995, p. 15).

Se constituirmos a anormalidade refletindo unicamente no nível de identidade própria, única, inflexível, individualizada, localizada, característica de um determinado sujeito, não estaremos problematizando a identidade, ou melhor "as identidades", exatamente no plural como concebida por Hall (1997):

o que denominamos "nossas identidades" poderia provavelmente ser melhor conceituados como as sedimentações através de tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos "viver", como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente (p.26).

As próprias representações de anormalidade devem levar em conta sempre a questão da *Norma*, não vista como um imperativo, porém tida como regra, preceito, lei, modelo, padrão, como uma forma de definir uma referência e os desvios dessa referência, apontando a Norma, nesta ótica, como vários dispositivos biopolíticos de governo, nas sociedades moderna e contemporânea. Quando se quer "anormalizar" alguém, estabelece-se uma comparação com as características tidas, mantidas como normais, próprias de quem segue a

---

entendida não mais como veículo neutro e transparente de representação da "realidade", mas como constituidora de "realidades" pelos sentidos que damos às coisas que estão no próprio mundo.

norma - dos normais. É importante levarmos em consideração que diferentes somos todos, os mais diferentes é que são os anormais.

Cabe também analisarmos que desta maneira não precisamos mais desculpar nossos pequenos delitos, nossos inúmeros mal entendidos, nossas ações não tão dignas, já que existe alguém que materialmente expressa todo o desagrado e repugnância humana. Nossos "pequenos" pecados somem diante de tão repulsiva criatura, identificada como anormal. Foucault (2002) aponta que os anormais formaram-se a partir de três elementos, cuja constituição não foi exatamente sincrônica: [...] o monstro humano; [...] o indivíduo a corrigir; [...] o onanista. (p.412-416). A partir daí a concepção de anormalidade sofre alterações em grandes questões. Ela é também central para as pessoas interessadas nas próprias mudanças sociais e culturais. Se pudermos compreender qual é a relação entre o que estabelecemos como anormalidade e a experiência de normalidade, por exemplo, poderemos mudar ou influenciarmos, até mesmo controlarmos, muitos hábitos de consumo e de interesses comerciais. Ou ainda poderemos normalizar atitudes, comportamentos que interessam e exigem a aquisição de determinada parafernália de artefatos, incentivando o consumo - ou não - de alguns produtos. Necessidades são criadas e quem não consome determinado artigo deixa de participar de um determinado grupo, passa a ser considerado "o outro", o diferente, o subalterno, o marginal. É importante analisarmos e nos preocuparmos com alguns recortes ou agrupamentos que são tidos como naturais, já que eles são sempre:

[...] categorias reflexivas, princípios de classificação, regras normativas, tipos institucionalizados: são, por sua vez, fatos de discurso que merecem ser analisados ao lado um dos outros, que com eles mantêm, certamente, relações complexas, as que não constituem seus caracteres intrínsecos, autóctones e universalmente reconhecíveis (Foucault, 1995, p.25).

Ora muito bem, se é tão necessário demarcamos, classificarmos, categorizarmos, delimitarmos espaços, dividirmos os territórios habitáveis, transitáveis - ou não - pelos normais e anormais, indivíduos a corrigir e incorrigíveis e até mesmo dos indivíduos a corrigir próximos dos anormais e indivíduos a corrigir próximos da normalidade, pergunto-me por que é tão forte a exigência de evidenciarmos as diferenças entre as próprias identidades, distinguirmos entre os seres da mesma espécie, ressaltarmos padrões tidos como normais/anormais? É importante ressaltarmos que a própria questão da diferença não se estabelece sozinha, ela sempre se institui em relação ao outro, estabelecendo múltiplas relações de poder<sup>6</sup>. No próprio entender de Foucault (1998, p.180), "somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade". A produção de um discurso de normalidade - de normal, impossibilita a concepção de um conceito pacífico, pronto e estático; mobiliza uma idéia dinâmica, fluida e extremamente polêmica. Estamos lidando com a produção de verdades, e essa percepção é vital para um possível olhar sobre a anormalidade. Nas palavras de Foucault (1989):

---

<sup>6</sup> Para Foucault, em qualquer tipo de sociedade existem inúmeras relações de poder que caracterizam, atravessam e constituem o próprio corpo social, relações estas jamais dissociáveis da produção, acumulação, circulação e funcionamento dos discursos de verdade.

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (p. 12).

Para finalizar, é importante pensarmos que as identidades são constituídas culturalmente, como referencia Veiga-Neto (2000), nos tornamos "uma espécie cultural" (p.57). Sob essa ótica podemos perceber que a anormalidade é uma construção cultural, que a identidade dos sujeitos tidos como anormais é marcada e relacionada diretamente com a diferença. Enfim, julgo pertinente esta breve análise para uma reflexão sobre a questão da anormalidade em tempos pós-modernos. Acredito que o exercício de pensarmos sobre as diferenças, os diferentes e propriamente os anormais, possibilitará questionarmos muitas verdades estabelecidas e tidas como norma, como padrão de normalidade. Esta reflexão permitirá a problematização de muitas questões, ou mesmo realizar outras perguntas, de suma importância para a elaboração de um novo olhar sobre a realidade, um olhar mais arejado, menos comprometido com tabus, preconceitos, verdades pré-estabelecidas. Tal reflexão permite também novos olhares que favorecerão mudanças nos próprios textos culturais, textos estes que estabelecem uma relação direta com os próprios objetos, com os sujeitos e principalmente com as verdades de cada tempo. Reflexão, esta, que permita repensar o modo de vida de um grande número de pessoas que, por nascerem diferentes, ainda são tratadas com preconceitos vitorianos pela própria sociedade. Como propõe Larrosa (2003) que a leitura deste artigo, não contenha a resolução de questão, mas que a re-abra, a reponha e a re-ative, na medida em que nos possibilite uma correspondência na pergunta e no pensar.

## Referências

- FOUCAULT, M. 1995. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro, Editora Forense-universitária, (4. ed), 236 p.
- FOUCAULT, M. 1989. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro, Graal, (8. ed), 296 p.
- FOUCAULT, M. 2002. *Os Anormais*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, (1. ed) 480 p.

- HALL, S. 1996. "The formation of a diasporic intellectual: an interview with Stuart Hall by Kuan-Hsing Chen". In: D. MORLEY e Kuan-Hsing CHEN (orgs.), *Stuart Hall – Critical Dialogues in Cultural Studies*, London / New York, Routledge, p. 484-503.
- FOUCAULT, M. 1997. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. Educação e Realidade, Porto Alegre, jul/dez., v.22, n.2, p.17-46.
- FOUCAULT, M. 2003. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz. T. da Silva e Guacira Louro. Rio de Janeiro, DP&A (8 ed) 102 p.
- LARROSA, J. 2003. Sobre a Lição. In: J. LARROSA *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte, Autêntica, (4. ed), p. 139-146.
- LEMERT, C. 2000. *Pós-modernismo não é o que você pensa*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo, Loyola, (Prefácio à edição brasileira, Prefácio do editor da série, Parte 1, Perturbações – caps.1 e 2), 200 p.
- NELSON, C. et al. 1995. Estudos culturais: uma introdução. In: T. SILVA, (org.), *Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos Culturais em Educação*. Petrópolis Vozes, p. 7-38.
- VATTIMO, G. 1992. *A sociedade transparente*. Trad. de Carlos Aboim de Brito. Rio de Janeiro, Ed. Relógio D'Água (1. ed), 88 p.
- VEIGA-NETO, A. 1996. *A Ordem das Disciplinas*. Porto Alegre, Tese de Doutorado, PPGEdU/UFRGS, 322 p.
- VEIGA-NETO, A. 2000. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: M. V. COSTA (org.), *Estudos Culturais em Educação – mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre, (1. ed), Editora da Universidade, 286 p.